Amor e natureza no Cântico dos Cânticos

... essa beleza,
que se chama natureza,
é meu livro predileto,
não precisa de alfabeto,
pois foi escrito por Deus.

(Catulo da Paixão Cearense)

Afagar a terra,
conhecer os desejos da terra,
cio da terra propícia estação
e fecundar o chão.

(Milton Nascimento)

É possível imaginar canções de amor em nossas igrejas e templos? Que tal incluir poemas profanos nas rezas sagradas? Como poderia figurar um canto erótico num cancioneiro litúrgico?

Pois a Bíblia o faz de maneira magistral. O amor humano, em sua realidade mais crua e mais sensível, revela a face de Deus, terna e carinhosa, como nenhuma outra imagem consegue fazê-lo.

O Cântico dos Cânticos, expressão refinada do amor apaixonado entre mulher e homem, não esconde, não se envergonha, mas revela toda a beleza do corpo, da atração sexual, do erotismo e da natureza. Deus cai na rua, no meio

dos guardas e pastores e se revela nos requebros da dança, na união dos corpos, nas manifestações de amor.

Queremos mostrar, com singeleza, alguns traços desta maravilha e ver toda a poesia que envolve amor e natureza em Cantares. Há um clima ecológico percorrendo o livro todo, mas o centro de interesses é um casal humano que se ama com paixão. Vemos a criação como um todo, participativa – minerais, vegetação, flores e plantas, animais de toda espécie, mas principalmente a criação mais bela, mulher e homem. Corpos envoltos em elogios se exibem e se entrelaçam, se buscam e se entrecruzam, numa dança cheia de ritmos, cores e fantasias. As pessoas se apresentam, no poema, com sua máxima expressão humana, a capacidade de amar. E este amor envolve tudo o que os rodeia: campos, flores, frutos, aves.

BEIJA-ME COM BEIJOS DE TUA BOCA! (1,2)

Um BEIJO na boca abre o livro, e o desejo de mais beijos praticamente o encerra (8,1); como ademais os abraços (2,6=8,3), o desejo (7,11), a contemplação (7,1) percorrem todo o livro. O clima é celebrativo (1,4), alegre (1,4; 3,11), nupcial (3,11).

Tanto a sede de beijos quanto os abraços são expressos pela amada, a qual tem, por sinal, a INICIATIVA em grande parte do livro. Estaria assim confirmado o protesto contra o machismo e as práticas patriarcais da época?! Cantares proclama a independência da mulher frente ao androcentrismo.

Com efeito, ela é quem atrai o desejo sexual do homem (7,11, contra Gn 3,16), pois aqui o desejo do encontro é mais feminino. Ela apresenta seu próprio corpo de mulher (1,5-6), descreve o corpo masculino (5,10-16), a ação amorosa dele (1,12-14), a busca que ele exerce sobre ela (2,8-10; 3,1-4). Ela busca o amado (1,7), ela exprime seus próprios sentimentos (2,1-5; 5,2-8), ela o convida (4,16; 7,12-14). Ele, reagindo menos, também expressa seu convite, desengonçado aqui (1,9-11), magnânimo acolá, ao descrever o corpo da amada (4,1-15; 6,4-12; 7,2-10).

Observa Ravasi, que dos 117 versículos deste livro, a mulher pronuncia quase 60, contra os 36 recitados pelo homem.

A mulher participa plenamente do prazer. Por duas vezes ela se diz "doente de amor" (2,5; 5,8), e aí apela para os bolos de passas e maçãs, estimulantes sexuais bem conhecidos nos ritos de fertilidade orientais da época. Invertendo a tradição patriarcal, ela é quem apresenta o amado à mãe (3,4). Ela sai sozinha no meio da noite (3,1-4): sonhos e delírios de uma adolescente; gesto de prostituição, se verdadeiro; absurdo, em qualquer hipótese, para a cultura da época. Mas se sua ousadia a lança, na calada da noite, entre os guardas da elite palaciana (3,3-4), leva-a também, à luz do dia, para as tendas dos pastores (1,7-8). Enfim, a descrição do leito nupcial também é feita por ela (1,16-17).

NEGRA SOU, E FORMOSA (1,5)

A jovem começa sua auto-apresentação justamente pela COR da pele. A formosura se reflete em sua cor morena, o elemento que chama a atenção de

O próprio processo de surgimento da vida se dá debaixo da macieira, onde a mãe do rapaz engravidou e pariu (8,5).

Tem conotação amorosa ainda a descida ao JARDIM para colher açucenas (6,2). Ela é comparada a um jardim em 4,12.15; 6,11; e em 4,16; 5,1 ele é convidado a saborear os frutos de seu jardim; ele habita nos jardins (8,13) e "suas faces são canteiros de bálsamo" (5,13), imagem esta aplicada também a ela (6,2).

Entre as alusões poéticas à RELAÇÃO AMOROSA está a subida à tamareira para apanhar suas tâmaras (7,9); "os olhos dele como pombas sobre leitos d'água" (5,12); e o amado sobre ela, com imagens de flores, pernoitando entre os seios (1,13-14).

SOU UM NARCISO DE SARON, UMA AÇUCENA DOS VALES (2,1)

Cantares é todo ajardinado, podendo-se respirar um perfume diversificado de FLORES. *Jardim*, a palavra que ocorre 9 vezes, é termo preferido tanto para descrever o lugar do amor quanto para falar do amor em si mesmo (4,12.15.16.16; 5,1; 6,2.2.11; 8,13). Na mesma linha emprega-se CANTEIROS (5,13; 6,2). Participam do amor as *flores* (2,12), as flores em *botão*, abrindo-se (2,13.15; 7,13), *florescendo* (6,11; 7,13).

Dentre as flores, são representativos o *narciso* e a *açucena*, primeiramente como retrato da moça (2,1.2), mas também para descrever seus lábios, que são *açucenas* (5,13), seus seios, filhos de gazela entre *açucenas* (4,5), ou o seu ventre, rodeado de *açucenas* (7,3). O ato amoroso é dito colher *açucenas* (6,2) ou pastorear *açucenas* (6,3), sendo ele "o pastor das *açucenas*" (2,16).

A açucena é também designada, em português, lírio, amarílis, flor-de-lótus, flor-da-imperatriz. A comparação dos lábios dele com açucenas estaria sugerindo uma cor vermelha, mas ao que parece tais flores são multicoloridas e variegadas. Na simbologia dos nossos poemas associa-se em geral às manifestações amorosas.

QUIS ASSENTAR-ME À SOMBRA DO MEU AMADO, COM SEU DOCE FRUTO NA BOCA (2,3)

Como há perfumes de flores, há também sabores de FRUTAS, sendo ela "um pomar de romãs com frutos preciosos" (4,13). Ela oferece *frutos preciosos* em 4,16, bem como deseja o doce *fruto* dele em 2,3. O *fruto* reaparece no fim, referindo-se à *vinha* de Salomão (8,11.12), e os *cachos de uva* designam tanto o amado (1,14) quanto a amada (7,8.9). Da mesma forma, aplica-se a ela o fruto da *tâmara* (7,9), e provocam o amor as excitantes *mandrágoras* (7,14), o amadurecer dos *figos* (2,13) e principalmente as afrodisíacas *romãs* (4,13; 6,11; 7,13; 8,2), às quais são comparados os seios da jovem (4,3=6,7).

MACIEIRA ENTRE AS ÁRVORES DO BOSQUE É MEU AMADO ENTRE OS JOVENS (2,3)

Dir-se-ia ecológico o espaço físico formado pelos bosques e ÁRVORES de espécies variadas, neste livro. Campos e matas, como já dito, formam o cenário

do amor, enquanto as árvores frutíferas e aromáticas o estimulam. Entre as que produzem frutos saborosos citam-se a *videira* (2,13; 6,11; 7,9.13), a *tamareira* (7,8.9), a *nogueira* (6,11), a *macieira* (2,3.5; 7,9; 8,5); e das odoríferas vêm elencadas *nardo* (1,12; 4,13.14), *cipro* (1,14; 4,13; 7,12), *aloés* (4,14), *açafrão* (4,14) e *canela* (4,14). Há ainda *cipreste* (1,17), *cedro* (1,17; 5,15; 8,9) e *cinamomo* (4,14), além da *copa da palmeira* para designar os cabelos dele (5,11) e *brotos* para falar dela, com dois sinônimos diferentes (4,13 e 6,11).

VÊ O INVERNO: JÁ PASSOU! (2,11)

A estação do amor é a PRIMAVERA, estação esta que se demora nos perfumes e nas flores, e que tem inúmeros sinais explícitos nos Cantares. Mas há também momentos de OUTONO, com frutos amadurecendo e com amor se consumando (7,13-14). Entrelaçam-se o *tempo da poda* (2,12) e o tempo da colheita. Há um *sol* ardente (1,6) que queima e traz muito *calor* (6,10), como há *lua cheia* prenunciando aurora (6,10). Assim, o entardecer (2,17) marca a chegada da noite, hora dos sonhos e buscas do amado (3,1) e da amada (4,6), e das surpresas nas batalhas (3,8) e no amor (5,2). A noite traz a umidade, tão necessária para a aridez oriental, e sinal de bênção na cabeça do amado, cheia de *orvalho*, e gotejando *sereno* (5,2). Bem longe da secura, porém, está a poesia do Cântico, com *fontes* (4,12.15), *poços d'água* (4,15), *leitos d'água corrente* (5,12), *chuvas* (2,11), fortes *torrentes d'água* (8,7).

Enfim, os *ventos* são convocados, do norte e do sul, para espalharem os PERFUMES do jardim da amada (4,16).

A VINHA FLORIDA EXALA PERFUME (2,13)

Além de flores e plantas aromáticas, há muitas fragrâncias pelos Cantares, demonstrando uma fina sensibilidade com relação ao olfato, e comprovando a importância dos PERFUMES para a excitação amorosa. São empregadas, mais significativamente, as palavras odor (8 vezes), e aroma (7 vezes); além do óleo (2 vezes) e das resinas aromáticas, mirra (8 vezes) e incenso (3 vezes). Há menção direta aos perfumes em 1,3.12.13; 2,13; 3,6; 4,6.10.11.14.16; 5,1.5.13; 6,2; 7,9.14; 8,2.14. Inicia-se o Cântico com os perfumes do vinho, e suas últimas palavras são as montanhas perfumadas.

Além dos perfumes circunstantes dos bosques, flores e plantas, desertos e montanhas, frutas e bebidas, há o perfume do corpo dela (4,6.10.14.16; 5,1), de suas mãos (5,5), das roupas (4,11) e do respiro de suas narinas (7,9), bem como os odores do corpo dele (1,13; 5,5), de seus lábios e de sua face (5,13).

POMBA MINHA, DEIXA-ME VER TUA FACE (2,14)

Com rebanhos de ovelhas e cabras, conforme já comentamos, há muitos outros ANIMAIS que participam e ilustram este amor.

O canto da *rola* (2,12) é prenúncio idílico de romantismo. Ela é *pomba* sem defeito (5,2; 6,9), de pomba são os seus olhos (1,15; 4,1) bem como a sua voz e face (2,14). Também os olhos dele são de pomba (5,12), talvez para expressar a ternura do enamoramento.

Um rebanho de *cabras* tosquiadas e banhadas são os cabelos dela (4,1=6,5), enquanto os dele são negros como o *corvo* (5,11).

Gêmeos de ovelhas simbolizam os dentes dela (4,2; 6,6), e *gêmeos de gazela* espelham os seios (4,5; 7,4). *Filhote de gazela* e *gamo* é o amado (2,9.17; 8,14); *gazelas* e *cervas* são testemunhas do juramento amoroso (2,7=3,5).

A palavra *égua* (1,9) aparece de maneira esdrúxula como apelativo para a mulher. Porém não o era para os antigos, que viam no cavalo um animal nobre, e mais ainda se atrelado aos carros reais.

As ameaças ao amor são denominadas *raposas* (2,15), enquanto *leões* e *panteras* representam o perigo e a violência (4,8).

Há *leite* e *mel* de favo nos lábios dela (5,1). Ele, o amado, expressa seu amor como comer um favo de *mel*, beber vinho e *leite* (5,1) ou como banhar-se no *leite* (5,12).

COMO ÉS BELA, MINHA AMADA (4,1)

Dentre toda a natureza, o que mais se destaca, naturalmente, é o corpo humano, corpo de mulher e corpo de homem. Do corpo da amada há duas apresentações mais generosas, ambas feitas pelo amado (4,1-7 e 7,1-10).

O CORPO FEMININO tem detalhes surpreendentes, com observações de finíssima e rara sensibilidade. Os epítetos dirigidos a ela, conforme Marvin H. Pope, p. 47-48, são: mais bela das mulheres (1,8; 5,9; 6,1), minha amada (1,9.15; 2,10.13; 4,1.7; 5,2; 6,4), formosa minha (2,10.13), minha pomba (2,14; 5,2; 6,9), minha irmã (4,9.10.12; 5,1.2), noiva (4,8.9.10.11.12; 5,1), sem defeito (5,2; 6,9), sulamita (7,1.1) e filha de nobres (7,2).

Leiamos as alusões ao corpo dela, de alto a baixo.

Sua *estatura*, ou seja, o talhe do corpo, é da palmeira, a tâmara (7,8), símbolo da beleza feminina. Sobre a sua *cabeça* a mão esquerda dele se apóia para abraçá-la (2,6=8,3). Esta *cabeça* que se alteia como o Carmelo (7,6) tem *cabelos* ondulantes como um rebanho de cabras (4,1=6,5) e *cabelos* (com outro sinônimo) cor de púrpura com longas *tranças* (7,6).

O *semblante*, vista ou aspecto dela, é como pomba (2,14). As *têmporas* são como duas metades de romã (4,3–6,7). A *face* forma uma rara beleza entre os brincos (1,10). Os *olhos* de pomba (1,15; 4,1), piscinas de Hesebon (7,5), perturbam (6,5) e são capazes de roubar o coração (4,9).

O *nariz* se compara à torre do Líbano (7,5) e exala perfume provocante como a maçã (7,9). A *boca* tem beijos melhores que o vinho (1,2) e a boca, mais propriamente o *céu da boca* ou palato, é um vinho delicioso, derramando-se num beijo apaixonado (7,10), e é onde ela quer saborear o doce fruto dele (2,3). Os *lábios* vermelhos (4,3) são favo escorrendo (4,11), são açucenas (5,13). Que delícia! A *língua* também possui leite e mel (4,11), e os *dentes*, por sua brancura, se comparam a rebanhos tosquiados e bem lavados (4,2=6,6). A *voz* também é de pomba, é doce ao ouvido (2,14).

O *pescoço* é comparado a uma torre de marfim (7,5) ou à torre de Davi (4,4), de onde pendem colares (1,10), como escudos e armaduras de heróis. A palavra *seio*, no sentido de mama, é empregada 8 vezes, sendo, portanto, um

forte ponto de atração. Os seios exercem ora sua função vital de amamentar (8,1), ora são o sinal da maturidade sexual (8,8), do vigor físico e da liberdade feminina (8,10). O prazer destes filhotes de gazela (4,5=7,4) está representado nos cachos de tâmara (7,8) e nos cachos de uva (7,9), entre os quais ela se deleita em senti-lo pernoitar (1,13). As curvas dos *quadris*, requebrando na dança, deslizam como colares (7,2). A beleza da sexualidade é descrita com disfarces de rara força poética. O *sexo* da mulher pode ser uma vinha (1,6; 8,12), um jardim (4,9-15), um monte de mirra, uma colina de incenso (4,6), ou uma taça de licor (7,3); e o *ventre*, um monte de trigo enfeitado com açucenas (7,3). O *coração* vela quando o amado bate à porta (5,2), e as *entranhas* se lhe estremecem ao toque da mão dele (5,4).

Fazem um lindo jogo amoroso as *mãos* dela com as mãos dele na fenda da porta e as mãos e *dedos* dela gotejando mirra na maçaneta da fechadura (5,5).

Os *pés*, que ela lava antes do deitar (5,2), se esmeram nas sandálias, ao dançar (7,2).

Algumas alusões são feitas às *roupas* dela, perfumadas (4,11), à túnica que ela despe à noite (5,3), ao manto usado para as saídas (5,7), ao véu (4,1) e às sandálias (7,2).

MEU AMADO É BRANCO E ROSADO (5,10)

Embora não seja normal, na Bíblia, elogiar o CORPO MASCULINO, Cantares representa, também nisso, uma exceção. O corpo do amado tem uma descrição relativamente longa e é feita pela mulher com finos dotes poéticos (5,9-16). Ele se sobressai pelas suas inúmeras qualidades, e sobrepuja todos os demais em beleza e vigor.

Sua *aparência* é altaneira, como cedro, como o Líbano (5,15).

A *cabeça* é ouro puro (5,11), orvalhada (5,2). Os *cabelos* são copa de palmeira, negros como o corvo (5,11), gotejando sereno (5,2). As *faces*, ou queixo, são "colinas de ervas perfumadas" (5,13). Os *olhos*, como os dela, também são pombos (5,12), o *céu da boca* é de uma doçura e delícia indescritíveis (5,16) e os *lábios* e *dentes* recebem o vinho delicioso, escorrendo da boca da amada (7,10).

Para descrever os membros dele, intervêm os metais preciosos, sendo as *mãos* torneadas em ouro e pedras de Társis (5,14), as *pernas* de mármore sobre base de ouro (5,15) e o "*ventre* um bloco de marfim cravejado com safiras" (5,14). Outro símbolo fálico é o *estandarte*, ou bandeira, desfraldado sobre ela na casa do vinho, também como a casa do amor (2,4). Do amado se diz que ele se sobressai fisicamente, isto é, erige o *estandarte* entre dez mil (5,10), e os *estandartes* desfraldados reaparecem em 6,4.10.

A *mão esquerda* apóia-se sobre a cabeça da amada, para com a *direita* abraçá-la (2,6; 8,3).

Ela pede, enfim, para ser gravada como um selo no *coração* e no *braço* dele (8,6), este coração que já pertencia a ela (4,9).

Concluindo, o Cântico dos Cânticos nos demonstra a força do amor, com suas chamas de fogo (8,6), inextinguível, resistente às águas da torrente (8,7), inapagável. Os elementos mais fortes da natureza são evocados para falar do amor, para cantar a paixão, o afeto, a sexualidade.

Do fogo à água, dos metais preciosos às aves celestes, do perfume das flores ao verdor das matas, tudo contribui para exprimir as delícias do amor.

Todos os sentidos participam, vibram ao toque do amor, doce, delicioso, excitante ao paladar, extasiante à visão no contemplar das cores e formas, rico em odores que provocam o olfato, sons agradáveis ao ouvido e toques sensuais ao tato.

OBSERVAÇÕES

1. Para a redação deste artigo valeram, além do texto hebraico, evidentemente, a concordância de LISOWSKY e a de MANDELKERN. Os termos hebraicos foram evitados propositalmente, para não tornar pesada a leitura. A tradução de referência foi a da Bíblia de Jerusalém, com as adaptações e dificuldades habituais.

2. Dentre os comentários, os mais úteis foram: HOPE, Marvin H. *Song of Songs*. Nova Iorque, 1977 (The Anchor Bible, 7C); RAVASI, Gianfranco. *Cântico dos Cânticos*. S. Paulo, Paulinas, 1988 (Coleção Pequeno Comentário Bíblico); CARDENAS PALLARES, José. *El Cantar de los Cantares y el amor humano*. Cuenca, Edicay, 1989 (Colección Biblia, 36).

3. Especial auxílio prestou a apostila elaborada por Wesley Fajardo PEREIRA, Haidi JARSCHEL, Roberto Natal BAPTISTA, Katja HOFFMANN, Domingos Sávio da SILVA e Flávio SCHMITT; como resultado de um curso sobre Cantares ministrado no Instituto Metodista, em 1991, por Milton SCHWANTES.

Valmor da Silva
Caixa Postal 5150
09731-970 São Bernardo do Campo, SP